

fas; e Dukes acha que o falo é a ponte para o futuro. Em que ficamos, afinal de contas?

— Oh! Não se preocupe, respondeu Olive. Instituem a criação de crianças em garrafas e deixem-nos em paz, a nós, pobres mulheres.

— Haverá verdadeiros homens no futuro, afirmou Tommy. Homens reais, inteligentes e sãos — e mulheres sãs e gentis! Não será isso uma mudança, uma grande mudança? Nós não somos homens, e as mulheres de hoje não são mulheres. Não passamos de provas, de experiências mecânicas e intelectuais. Poderá advir uma civilização de verdadeiros homens e de verdadeiras mulheres que substitua este nosso grupo de bonecos sem maior desenvolvimento mental que uma criança de sete anos. Seria ainda mais surpreendente do que homens-fumaça e bebês em garrafas.

— Oh! Quando começar a falar em verdadeiras mulheres, eu abandono a partida, protestou Olive.

— Certamente, a única coisa de algum valor em nós é o espírito, disse Winterslow.

— Espírito! chasqueou Jack, erguendo intencionalmente o copo e bebendo o seu "whisky-and-soda".

— Julga assim? Sou pela ressurreição do corpo! disse Dukes. E isso virá, quando sacudirmos de nós todo o peso do espírito, do dinheiro e do resto. Teremos, então, a democracia do contato, em vez da nossa democracia do bolso.

Alguma coisa vibrou no coração de Constance: "Eu sou pela democracia do contato, pela ressurreição do corpo!" Embora não soubesse o que isso queria dizer, fez-lhe bem a frase, como acontece com muita coisa incompreensível!

Não obstante, achava tudo aquilo terrivelmente idiota e estava saturada de tudo — de Clifford, de tia Eva, de Olive, de Jack, de Winterslow e do próprio Dukes. Palavras. Que inferno aquele contínuo matraquear de sons!

Depois, quando todos se retiravam, sua situação não melhorava. Prosseguia em seus tristes passeios, mas já presa de crescente exasperação. Os dias passavam sem que nada mudasse. Ela, porém, emagrecia; a própria governanta o percebera e lhe perguntara a causa. Também Tommy não achava boa a sua aparência. Constance começara a sentir estra-

nho medo das sinistras pedras tumulares, dessa repugnante brancura peculiar ao mármore de Carrara, abominável como a dos dentes postiços, que se erguiam sobre a colina, a cavaleiro da igreja de Tavershall e nitidamente avistadas do parque. O eriçamento sobre a colina dessas odiosas tumbas semelhantes a dentes falsos causava-lhe uma espécie de horror, fazendo-a sentir que se aproximava o tempo de também ser fincada lá.

Ansiosa por um amparo qualquer, Constance soltou o S.O.S. de um grito d'alma endereçado à sua irmã Hilda. "Não me sinto bem há algum tempo e não sei o que tenho."

Hilda veio sem demora da Escócia, onde se havia instalado. Veio em março, sozinha, conduzindo ela própria um automóvel de dois lugares. Subiu a avenida de Wragby buzinando e contornou o grande oval que duas grandes faias ladeavam.

Constance correu-lhe ao encontro. Hilda parou o auto, desceu e, depois de abraçar a irmã, afastou-a um pouco para a ver melhor.

— Mas, Constance, que há?

— Nada, respondeu-lhe esta, um tanto confusa, notando o aspecto de saúde da irmã, em chocante contraste com o seu. As duas tinham a mesma cútis dourada, luminosa, os mesmos cabelos castanhos, o mesmo calor, o mesmo viço natural. Constance, porém, estava magra e terrosa, com o pescoço amarelo a escapar da blusa.

— Mas você está doente, criança! disse Hilda, na sua doce voz cansada, igual à de Constance. Hilda era quase dois anos mais velha.

— Não estou doente, não. Talvez me aborreça um pouco, isso sim, respondeu Constance em tom patético.

A excitação da batalha brilhou no rosto de Hilda. De aspecto calmo e tranqüilo, era entretanto uma mulher do velho tipo amazônico, incapaz de acomodar-se aos homens.

— Que horrível desterro isto por aqui! — exclamou docemente, lançando um olhar de ódio ao castelo.

Foi tranqüilamente ao encontro de Clifford, o qual notou a sua boniteza, mas sentiu medo. Os parentes de sua mu-